VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

À PROCURA DE PORTADOR: CARTAS DE GILBERTO FREYRE A RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE E A AURORA DO CASA-GRANDE & SENZALA

Rodrigo Alves Ribeiro*

1933. Ano da *histoire intime*[1] à brasileira. Veio a público o livro *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre [1900-1987].

> Enviados os originais de 'Casa-Grande & Senzala' celebraram, no Recife, os amigos do autor, o acontecimento, com uma dança na própria casa em que o trabalho fôra concluído: a casa mourisca, e situada num sítio chamado de Carrapicho, à Estrada do Encanamento. Era [...] de propriedade de Ulysses Freyre, meu irmão. [...] À dança só foram amigos do autor que se apresentassem fantasiados de personagens típicos de casa-grande ou de senzala. Foi uma dança que durou até o dia seguinte. O autor dançou, cantou e bebeu vinho na mesma sala onde durante meses, passando às vêzes fome, escrevera o livro intitulado 'Casa-Grande & Senzala'. Estava mais do que eufórico. (Freyre, 1968, p. 135)

Euforia que pairara entre a náusea da expectativa e o furor da conquista.

---

* Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco – UPE. Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará – UFC, sob a orientação do Profº Drº Francisco Régis Lopes Ramos. Bolsista CAPES/REUNI. Autor de *Moradas da Memória: uma história social da casa-museu de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008. [Coleção Museu, Memória e Cidadania.

[1] Expressão cunhada pelos irmãos literatos franceses, contemporâneos à queda da Bastilha, Eduard e Jules Goncourt.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Que leitura será possível conceber sobre o processo de escrita do livro da *histoire intime* à brasileira, tendo-se em vista algumas das cartas escritas por Gilberto Freyre a seu amigo mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade [1898-1969], nos anos primeiros da década de 1930? O antes da aurora do *Casa-Grande & Senzala*.

A Fundação Gilberto Freyre, sediada na cidade do Recife, mantém um arquivo documental que, em 1999, com financiamento da Petrobrás, passou por reestruturação técnico-funcional e reorientação classificatório-catalográfica e da política institucional de guarda e acesso de correspondências – e demais registros – entre Gilberto Freyre e intelectuais brasileiros e estrangeiros. Entre os brasileiros, destacam-se: Manuel Bandeira, Carlos Drumonnd de Andrade, Manuel de Oliveira Lima, José Olympio, Sérgio Buarque de Holanda, José Lins do Rego e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Acervo que, paulatinamente, tem-se tornado disponível aos pesquisadores.

Este artigo, por sua vez, centra suas atenções nas correspondências de Gilberto Freyre para Rodrigo Melo Franco de Andrade. Não são aqui abordados diálogos entre os amigos, mas as solicitações e desabafos de Freyre ao garatujar suas letras epistolares: assinaladas pelos idos anos de 1930 e pelo processo de escrita e publicação do livro *Casa-Grande & Senzala*. Em resumo: não são versadas, portanto, as respostas de Rodrigo Melo Franco de Andrade às missivas de Gilberto Freyre. O que não significa que eu, na atribuição de autor do artigo, esteja destituindo das "cartas [...] a ligação física entre duas pessoas. Inscrita [...] em um sistema real de troca que diminui a distância a separar quem escreve de quem lê." (Willis, 2008, p. 09) Cartas, cabe lembrar, de um Gilberto Freyre em passagens, alamedas [auto]biográficas; na cadência da auto-afirmação.

A trajetória individual de Gilberto Freyre fez-se projeção nas cartas e nos prefácios, estes para seus livros e de outros ensaístas, que escrevera. Marcos da escrita que firmavam vínculos de amizade e articulações sociais. Nos idos de 1936, quando da publicação da primeira edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre ao prefaciá-lo discorre sobre a partilha que acreditava primaz aos interlocutores de sua geração. Publicação sob a chancela do editor José Olympio e da estima de uma coleção: a *Coleção Documentos Brasileiros*.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Freyre, certo daquilo que deveria incluir como parte da *Coleção Documentos Brasileiros* não hesitou em declarar o que já estava, às claras, excluído. Portanto, não se agitava "uma aventura editorial, mas [...] uma collecção planejada e organizada com maior escrúpulo e com todo o vagar, visando corresponder não só ás necessidades do estudioso com á curiosidade intellectual de todo brasileiro culto [...]". (Freyre, Prefácio à 1ª edição de *Raízes do Brasil*, p. vi, 1936.)

A *Coleção Documentos Brasileiros*, em meio ao agir e pensar de Gilberto Freyre, fez do ensaio a forma (e a estética) da narrativa. O ensaio, com fins ao exercício de interpretar (com ares de explicação), para "desvendar o objeto em questão" (Adorno, 2003, p. 20): o Brasil nas suas ranhuras. Nas linhas iniciais do prefácio referendado, lê-se:

> A série que hoje se inicia com o trabalho de Sergio Buarque de Hollanda, Raizes do Brasil, vem trazer ao movimento intellectual que agita o nosso paiz, á ancia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nossa intelligencia brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem. Desde o inventario á biographia; desde o documento em estado quase bruto á interpretação sociologica em forma de ensaio. (Freyre, Prefácio à 1ª edição de *Raízes do Brasil*, p. v, 1936.)

Um esforço para somar com os amigos. Amigos que também foram perenes à auto-afirmação freyriana. Foram potenciais certezas da trajetória individual de Gilberto Freyre. É o que aparenta ter sido Rodrigo Melo Franco de Andrade: mineiro de Belo Horizonte. Nasceu a 17 de agosto de 1898. No ano de 1936, a convite de Gustavo Capanema, assume a direção do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, deixando a instituição no ano de 1967. E, em 1969, falecera na cidade do Rio de Janeiro. Autor do livro de contos, *Velórios*; e colaborador da revista *Estética*: periódico aclimatado pelo "movimento modernista". Um adepto da premissa que apregoava ser possível "integrar os valores culturais na vida pública de nosso país" (Andrade, 1986, p. 238) tracejando-os nos "[...] monumentos naturais, bem como [nos] sítios e paisagens que importa conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana." (Andrade, 1997, p. 22-23)

ISBN: 978-85-98711-10-2

As cartas, manuscritas ou datilografadas, desvelam um tempo cuja prática de escrevê-las deixou de existir. Instituíram Gilberto Freyre e Rodrigo Melo Franco de Andrade na rede de projeções sociais articulada pelas trocas, favores e acordos velados. Acordos de trocas morais, de vínculos e códigos postulares. A troca de cartas, e neste particular entre intelectuais, não deixara à margem a convenção de lealdade: intelectuais que [com]partilharam seus apelos de convencimento, seus instrumentos de projeção de indivíduos com papéis definidos, e de proeminência, na dinâmica da trama social a qual estavam vinculados: dobras das práticas sociais avistadas pelo exercício de investigação da história intelectual.

A prática missivista de Gilberto Freyre alocada neste artigo tem por orientação o *Cartas do Próprio Punho sobre Pessoas e coisas do Brasil e do Estrangeiro*, organizado por Sylvio Rabello. Publicação do Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação, de 1978. Constam nesta edição correspondências de Gilberto Freyre para Amy Lowell, Cícero Dias, José Lins do Rego e, dentre os quais, Rodrigo Melo Franco de Andrade. Sylvio Rabello, foi professor da Escola Normal do Recife e da de Aperfeiçoamento. Foi membro do jornal *A Província*, dirigido por Freyre quando secretário do Governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, antes da Revolução de 1930.

Sylvio Rabello, na teia de amizades de Gilberto Freyre, por vezes seguidas, figurou como portador das correspondências do autor de *Casa-Grande...* . O portador, pessoa de confiança indissolúvel, nos tempos de perseguição e censura dos anos de 1930, era de valor social imperioso: no sentido imprescindível da palavra. Constam, inclusive, epístolas de Freyre para Rabello no *Cartas do Próprio Punho...* . E ainda sobre a função do portador é recorrente a observação de Freyre acerca dos envios retardados de provas e trechos do *Casa-Grande...* ao remetente Rodrigo Melo Franco de Andrade por falta imediata e/ou potencial do portador confiável.

E sobre o Gilberto Freyre "escrevedor" de cartas, escreveu Sylvio Rabello:

> Foi em conversa despreocupada que nasceu a idéia de reunir cartas que Gilberto Freyre escreveu, desde muito, a amigos e mesmo a parentes. Não apenas reuni-las: publicá-las com o título de 'Cartas do Próprio Punho' – título convindo bem ao hábito do autor, que usa lápis e pena para escrever, naquela sua letra larga mas difícil de ler, não só cartas como livros. (Rabello, 1971, p. 17)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Anos mais tarde, afirmara Gilberto Freyre a sua posição frente à qualidade gráfica, do *Cartas do Próprio Punho...* . Declaração de 1983, mas só publicada em 1985: do Brasil da "redemocratização". Do Brasil ainda turvo em sua política e democracia cambiantes.

> O Professor Silvio Rabelo tem um livro em que ele publica várias cartas minhas que não são conhecidas porque foi uma publicação oficial. Detesto publicações oficiais. Tendo a detestar tudo que é oficial. Na minha configuração de um meu ideal como filosofia de vida, que não posso confessar, porque não posso praticá-lo, está a de ser anárquico-construtivo. Nada de poderes, nada de governos, nada de oficializações absorventes. (Freyre, 1985, p. 31-32)

Fossem mediadas pelo serviço postal ou pelo portador primaz, as cartas, de escrita taquigráfica ou datilografadas, muniam-se do tempo da espera; da lentidão do trânsito/envio do serviço postal ou da boa fé do portador. As cartas foram, em particular para Gilberto Freyre, esteios de expectativa e de ânsia por respostas. A prática do corresponder registrara a necessidade do diálogo; este materializado pelo lugar da fala, pelos suportes e meios/instrumentos de escrita: a máquina de datilografia, o papel timbrado do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN[5], o papel timbrado do Serviço Postal Condor, o papel reutilizado, a escrita rasurada, o lápis de ponta angulosa e desgastada pelo atrito com o papel: tudo sob a regência dos vínculos da amizade, das trocas, dos cabimentos – conveniências – suplementares.

Os borrões da rasura, indicativos da reelaboração do pensamento em processo de captura pelo papel e pela cursividade da escrita manual, denotam aos nossos olhos a perenidade de um alvitre em fase de acerto e de aparição pública: mesmo que a dimensão púbica fosse o interlocutor direto da carta. Há epístolas de Gilberto Freyre assim abalizadas, assim contemporizadas. Contudo, lê-las [estudá-las], na tentativa de descrevê-las, mas tendo-se a ponderada noção dos efeitos que nos aparentam: um importante indicativo de/à interpretação histórica e de aferição sobre o tempo de escrita epistolar. E, é claro, sobre os desafios metodológicos afrontados pela mesma interpretação histórica (Baxandall, 1991, p. 38)

Cumpre observar, pois, que as correspondências compiladas em *Cartas do Próprio Punho...* deitaram-se na revisão de Sylvio Rabello sob as normas da escrita:

ISBN: 978-85-98711-10-2

refiro-me em especial à grafia corrente nos anos em que elas foram garatujadas. Todas, reunidas na publicação de 1978, foram submetidas pelas regras ortográficas de então. As cartas manuscritas e datilografadas, não transcritas neste artigo, conservam suas lituras, marcas e corrosões do tempo: insígnias que delineiam as "rugas dos [nos] objetos" (Ribeiro, 2008, p. 43). Estas sob a guarda do Arquivo Documental da Fundação Gilberto Freyre e a mim cedidas em suporte digital.

Os temas mais recorrentes nas cartas, se os defino como índices de organização e entendimento dos conteúdos missivos, são: 'burocracia do Estado', 'rede de amizades', 'definição do patrimônio nacional', 'arquitetura colonial', 'mobiliário colonial', 'República Velha', 'Estado Novo', 'relação escritor/editor'. Neste artigo, entretanto, tratarei de focar atenções nos temas da 'rede de amizades' e da 'relação escritor/editor'. Pontos de inflexão sobre as formas e motivos de circulação e de recepção traduzidas pelo "pacto epistolar" vigente entre Freyre e seus interlocutores. (Gomes, 2005, p. 07)

Gilberto Freyre reclamara, no ano de 1919, quando estudante da Universidade de Baylor, no Estado do Texas, Estados Unidos, da quase letargia de seus amigos pernambucanos diante do exercício de escrever e da afeição de receber cartas. É em *Tempo Morto e outros Tempos*: *trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915 – 1930)*[6] que ele, sob os balbucios da saudade, incorre da cultura de escrever e receber cartas no Brasil:

> Quase não recebo cartas do Brasil. Quase todas da família. Rara a que me chega de um amigo. Enquanto aqui não há estudante que não receba de sua cidadezinha, não só de sua família, como de seus amigos, numerosas cartas por semana. Será que nós, brasileiros, não temos o espírito da amizade, mas só o da camaradagem? É o que me parece às vezes. Pelo menos o brasileiro está longe de rivalizar com o americano dos Estados Unidos na amizade epistolar. A correspondência é aqui alguma coisa de sagrada entre os amigos. (Freyre, 2006, p. 61)

Os reclames do jovem Gilberto Freyre tornaram-no um assíduo escritor de cartas. Um "voluptuoso" emissor do "espírito da amizade". (Freyre, 2006, p. 61) As cartas aproximaram as distâncias sentimentais do jovem de dezenove anos ao passo que vínculos com Pernambuco o atualizava. Recebera, nos idos de 1919, correspondência amiga. Era de França Pereira, tratando de assunto de muito bom grado:

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Que me comunica? Que fui eleito sócio correspondente da Academia Pernambucana de Letras, da qual ele é presidente. A distinção me comove. A Academia Pernambucana de Letras não é uma academia qualquer. Tem passado. Tem tradição. A ela tem pertencido gente pernambucana de alto valor como [...] Oliveira Lima. (Freyre, 2006, p. 68)

O convite foi aceito. Gilberto Freyre, interessado na arte de escrever e amante da literatura expressou em seu diário vaidade e lisonjeio.

> É essa academia que elege seu sócio-correspondente um obscuro pernambucano e ainda incerto escritor de apenas 18 para 19. Escritor – esboço de escritor – que engatinha; não anda; não corre. Engatinha, caindo, levantando-se; voltando a engatinhar. Sonhando não apenas andar e correr: também dançar como escritor. Quem apenas anda ou mesmo corre não é pleno escritor. O pleno escritor é o que escreve, dançando como que ao som de uma música que somente ele ouvisse: com ritmo, com – diria um grego – eurritmia. Na língua portuguesa, dentre os modernos – modernos no sentido lato da palavra – é como escreve Eça, Machado, Nabuco, Euclides, é como são escritores. (Freyre, 2006, p. 68)

A condição de ser escritor para Gilberto Freyre foi uma razão de vida. Foi um projeto por ele desejado e realizado. Condição de ser que perpassou a feitura de cartas: extensões de sua obra. Logo, Gilberto Freyre se imbuiu, a seu modo, do regime de verdade que o fortalecera em discurso e argumento. Michel Foucault, em *O Que é um Autor?* (2002), esmiúça os efeitos de verdade, ou melhor, dos regimes de verdade que transpassam e fomentam a condição de/do ser escritor/autor: aqui, tanto no atributo e condição de criador quanto na de autoridade. E Foucault nos esclarece:

> O nome próprio (tal como o nome de autor) tem outras funções que não apenas as indicadoras. É mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém; em certa medida, é o equivalente a uma descrição. Quando dizemos 'Aristóteles', empregamos uma palavra que é o equivalente a uma só ou a uma série de descrições definidas, do género: 'o autor dos *Analíticos*', ou 'o fundador da ontologia' [...]. (Foucault, 2002, p. 42)

As cartas trocadas por Gilberto Freyre constituíram, paulatinamente, o seu nome e o que o agregava valor, denodo. A obra projetara o seu autor: as cartas, portanto, também são o todo da obra. A obra, por conseguinte, o definiu e o define mediante o epíteto de escritor/autor. Quando nos anos de 1930 Gilberto Freyre tratava dos passos em que a escrita do livro *Casa-Grande...* ritmava, estavam ali, nas correspondências a

ISBN: 978-85-98711-10-2

Rodrigo Melo Franco de Andrade, as projeções do escritor/autor de um livro classificado como culturalista: provido da forma de ensaio sociológico, sobre os pendores teóricos e profícuos da miscigenação como referência definidora de um estilo de escrita e de apreensão da suposta origem da diversidade cultural do Brasil.

São as cartas para Gilberto Freyre, "de menino a homem", vínculos indissociáveis de sua personalidade. São parâmetros de compreensão – em grande medida – de seus livros, de seus escritos. São elas ponteiros de orientação e abono. É o que dar a entender o jovem estudante em 1920: "Outra carta de Oliveira Lima. Acha que não devo pensar em voltar de vez ao Brasil e informa sobre a situação do intelectual do nosso país. Situação hostil a quem deseje ser escritor: viver de escrever." (Freyre, 2006, p. 77)

Já na conferência publicada pela FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore[7], no primeiro lustre dos anos de 1980, as incertezas foram aparadas diante dos desafios ultrapassados:

> [...] minha cátedra é meu livro. Tenho sido chamado [...] para ministérios; tenho recusado pois meu ministério é o livro. Tenho sido chamado também para embaixadas e não tenho aceito; minha embaixada é o livro. Venho me mantendo e mantendo uma família, comprando vestidos para Dona Madalena [Magdalena] e brinquedos primeiro para filhos, depois para netos com o que venho ganhando de direitos autorais; com o que ganho nos livros que tenho escrito [...]; nos artigos que escrevo para jornal ou revista. Direitos autorais, isso parecia um absurdo há cinqüenta anos, mas tem dado certo. Não preciso de governo, não preciso de universidades, não preciso de empresas generosas. E não preciso de nenhuma instituição rica, porque tenho os meus livros; os meus livros vêm me permitindo viver independente. (Freyre, 1985, p. 33)

Do dilema Gilberto Freyre tomara contato. Sabia dos infortúnios da convicção que cultivava: a de ser escritor. Maria Lúcia Pallares-Burke, em *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* (2005), disseca a convicção do jovem recém-chegado ao Brasil, em 1923, após temporada longa entre os Estados Unidos e países da Europa Ocidental. Desejava ele, reitero, ser escritor no Brasil. Convicção aparentemente inabalada nas passagens de *Tempo Morto e outros Tempos*... . No entanto, não é o que nos traz a historiadora paulista, quando alerta: "Quando se está tentando reconstruir a biografia de

ISBN: 978-85-98711-10-2

um escritor talentoso torna-se ainda mais difícil evitar sua auto-interpretação como realidade." (Pallares-Burke, 2005, p. 21)

A escrita de cartas a amigos aparenta maior fidedignidade com o pretenso real de quem as escreve. Atrevido engano. É a escrita de cartas o apelo com vistas ao convencimento. Portanto, escrever cartas significa dissimular para conquistar aquilo que a dissimulação camufla, alenta. Sob a imagem do isolamento exigido pelo ofício da escrita e dos assomos políticos dos anos de 1930, exemplifica-nos Freyre:

> Estou quase inteiramente fora das novidades. Terminando outro livro [*Sobrados e Mucambos*, de 1936] e mergulhado em leituras que me tomam todo o tempo. Só interrompo essa vida para cuidar de umas galinhas que me deram para criar e para uma ou outra farra [...]. (*Carta*, 17 de junho de 1933)

De fato, quando as fontes nos apresentam *status* de banjos de embates pela detecção das possíveis [in]verdades, a "auto-interpretação como realidade" passa pelo crivo dos cânones acadêmicos. O que desejo explanar é que mesmo que as dissimulações forjem as fontes, e neste particular os escritos freyrianos são pujantes neste aspecto, não há como negar as continuidades do pensamento de um intelectual convencido de seus propósitos: sejam eles mais condizentes com a sua trajetória existencial ou resultados de divagações do exercício da escrita e/ou da auto-exaltação. É certo que Gilberto Freyre, ao auto-exaltar-se, procurou aparentar maturidade e certeza nas distintas fases de sua vida. Ele, antes mesmo de ser fonte/objeto de estudo, é documento. É registro. Logo, as contradições ou supostas [in]verdades em Gilberto Freyre são conditos de sua projeção/existência como escritor/autor e obra.

Gilberto Freyre tentou aparar suas inseguranças. Fez de sua [auto]biografia aquilo que criticou no estudo biográfico de Álvaro Lins sobre o Barão do Rio Branco. Em *Rio Branco: a estátua e o homem*, de 1946, Freyre elabora crítica sobre um Barão sempre aguerrido e desnudo das intempéries humanas criado pelo biógrafo do militar. O diário de Gilberto Freyre, com primeira edição de 1975, deixou de ser registro de intenções e confissões do âmbito privado. Passou a ser alegoria de homem público, de homem das letras e pleno de reconhecimento. *Tempo Morto e outros Tempos*... foi [re]ordenado de modo que apólogos sobre sua imagem o perpetuassem. Não custa citar, contudo, algumas das impressões dele sobre o Barão do Rio Branco:

ISBN: 978-85-98711-10-2

> [...] a muito leitor repugna ou desaponta a monotonia do sucesso, da glória e até a da virtude na vida do grande homem de quem ele supunha que só sucessos lhe estejam sendo revelados como exemplos ou impostos como lições; e escondidos, abafados e até negados os fracassos ou os insucessos; os despeitos; os ressentimentos; as ambições, os amores ou os interesses contrariados; as invejas; os complexos; as fraquezas. [...] Pelo que convém não acreditar nunca na existência de homens em que a vida não tenha deixado cicatrizes, deformações, marcas repugnantes ou apenas lamentáveis. Pois nenhum homem, grande ou medíocre, mas principalmente grande, é até ao fim da vida um só homem ou uma só pessoa, mas vários homens, várias pessoas. (Freyre, 1980, p. 249-250)

E, na posição de ensejo de [auto]biografia, Gilberto Freyre existe nas cartas que postara, algumas outras sob os cuidados de portador idôneo, aos amigos como um ser de feições várias: "[...] contraditórias, diversas, que nem sempre se completam, que às vezes fazem de um só indivíduo um campo de batalha constante onde muitos lutam e nenhum é vencido de todo." (Freyre, 1980, p. 250) Predicados da [auto]biografia. De experiências vividas e de outras projetadas, desejadas. Portanto, as cartas são, na trajetória de vida de Gilberto Freyre parte significativa, no dizer de Philippe Lejeune, do "relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando põe o acento em sua vida individual, concretamente na história de sua personalidade". (Jozef, 1998, p. 296-297)

Gilberto Freyre trajou-se da função de anunciante de si mesmo. Na ordem dos discursos sobre a sua obra fez-se maior nas auto-afirmações. Naquilo que acreditava ser atual e legítimo a tudo que escrevera. Franz Boas e o difusionismo cultural remeteram a Gilberto Freyre a ordem, o lugar de anunciação. Parcela notória das "condições que possibilitam" (Foucault, 2002, p. 83), ou melhor, que possibilitaram as qualidades de anunciação do Gilberto Freyre autor. Feito e refeito nas circunstâncias que o elevaram ao patamar de autoridade cravejada pelos "flertes" de legitimidades: vindos da crítica à sua obra e dos leitores conquistados; dos leitores afeitos à "prosa de ficção narrativa" (Leal, 2003, p. 07) e autobiográfica.

Sobre suas expectativas e impressões. Sobre suas releituras e reafirmações acerca do Brasil, de Pernambuco em si, tudo parece aos olhos viajados do Freyre de 1923, reformulado: "Deixei o Brasil ainda menino, e venho revê-lo homem feito. Venho revê-lo com outros olhos [...]. O que sinto é que sou repelido pelo Brasil a que acabo de

ISBN: 978-85-98711-10-2

regressar [...].” (Freyre, 2006, p. 183-186) Período de reorientação das ideias e dos planos de fixar-se, ou não, no país. Período de incertezas e de desalento frente a um Pernambuco sem perspectivas e alentos.

Entre os registros, de 1924, do diário *Tempo Morto e outros Tempos...*, Gilberto Freyre, tomado pelas dúvidas, reavalia os conselhos de Oliveira Lima. Um dos tantos conselhos: ir para São Paulo; e lá, talvez, radicar-se.

> Oliveira Lima advertiu-me: ‘Não pense em fixar-se no Brasil. Escritor no Brasil? É o mesmo que alguém patinar em areia’. Aqui estou há quase um ano. No Recife: nem ao menos em São Paulo, para onde o excelente amigo deu-me cartas de apresentação para Washington Luís, Carlos de Campos, Afonso de Taunay [...].” (Freyre, 2006, p. 195)

Os ajustes de vida foram feitos. Os amigos novos conquistados. Os amigos de Columbia e Oxford lá permaneceram. Mas, “uma alegria, para o nativo ainda mal adaptado à terra brasileira, a visita que vem fazer-me Francis Butler Simkins, meu colega na Universidade de Columbia. Tem me escrito sempre; e eu nada a ele.” (Freyre, 2006, p. 201) Por outro lado, Hermano Vianna, em *O Mistério do Samba* (1995), avalia os amigos futuros de Gilberto Freyre e os valores de jovem estudado no estrangeiro a ele atribuídos.

> Em 1926, a coluna social ‘Noticiário elegante’ publicada na *Revista da Semana* registrou a primeira visita que um jovem antropólogo pernambucano, o ‘Doutor’ – como fez questão de frisar o colunista – Gilberto Freyre, fez ao Rio de Janeiro. Ele conheceu a capital do Brasil aos 26 anos, depois de já ter realizado seus estudos universitários nos Estados Unidos [...]. (Vianna, 1995, p. 19)

Uma vez na cidade do Rio de Janeiro, em 1926, foi ao encontro de Manuel Bandeira com quem há mais de um ano se correspondia, mas eram interlocutores que não se conheciam pessoalmente. Sobre o encontro, relata Freyre:

> Vou visitar Manuel Bandeira: Curvelo 51, Santa Teresa. Lindo lugar. Mas casa de pobre. Ele me supõe a princípio um espanhol – ou hispano-americano? – que ficara de visitá-lo. Quando digo quem sou, desata numa risada que deixa a dentuça já famosa que lhe dá ao aspecto alguma coisa de inglês e, ao mesmo tempo, de caricatural. Ninguém mais pernambucano. Vive numa saudade constante do Recife. Pergunta-me por mil e uma coisas do Recife. Depois por poetas e escritores da língua inglesa. Se conheço beltrano. Que tal fulano? Que penso de sicrano. [...] Vejo que são muitas e profundas as

ISBN: 978-85-98711-10-2

> afinidades que nos ligam. Para mim é hoje o maior poeta da língua portuguesa, dentre os que conheço. (Freyre, 2006, p. 259)

Um grupo que no correr dos anos, para Gilberto Freyre, não contava com a presença de Mário de Andrade. Faltara empatia para com a pessoa do literato paulista. O historiador Antonio Gilberto Ramos Nogueira, em *Por um Inventário dos Sentidos: Mário de Andrade e a concepção de Patrimônio e Inventário* (2005), destaca a viagem etnográfica de Mário de Andrade ao Recife: percurso pelo rio Capibaribe em companhia de Manuel Bandeira e Gilberto Freyre.

As conclusões de Gilberto Freyre, confessa ele ao seu *Tempo Morto e outros Tempos...*, em 1927, não foram as mais vistosas sobre o colega ciceroneado. Fato que prediz o raio de disputas diante dos pioneirismos de definição do Brasil reivindicados pelos intelectuais de então. Antipatias da disputa? Só confessadas/confessáveis à intimidade do diário?:

> Má impressão pessoal de M. de A. Sei que sua obra é das mais importantes que um intelectual já realizou no Brasil. Que entende de música como um técnico e não apenas como um artista intuitivo. Que une muita erudição à intuição poética. Mas me parece artificial e postiço em muita coisa. E sua pessoa é o que acentua: o lado artificioso de sua obra de renovador das artes e das letras no Brasil. Seu modo de falar, de tão artificioso, chega a parecer – sem ser – delicado em excesso. Alguns dos seus gostos também me parecem precários. Mesmo assim, um grande, um enorme homem-orquestra [...]. (Freyre, 2006, p. 286)

Os vínculos da amizade foram firmados. Alinhavados na primeira viagem do escritor pernambucano à cidade do Rio de Janeiro. Fossem eles traçados pelas conversas sobre literatura estrangeira, fossem pelas noites na boemia regadas à cachaça e ao som de violão ao lado de "Pixinguinha, Patrício, Donga." (Freyre, 2006, p. 264) Aproximou-se Gilberto Freyre de Heitor Villa-Lobos e do também músico e compositor Luciano Gallet. Teve por cicerones no Rio de Janeiro Prudente de Morais Neto e Sérgio Buarque de Holanda; editores, no período, da *Revista Estética*:

Gilberto Freyre, na introdução à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* atribuiu a Rodrigo Melo Franco de Andrade o papel de incentivador. Após referendar os diversos colaboradores do livro, reconhece ele: "Um nome me falta associar a este ensaio: o do meu amigo Rodrigo M. F. de Andrade. Foi quem me animou a escrevê-lo e

ISBN: 978-85-98711-10-2

a publicá-lo." (Freyre, 2001, p. 66) Sentimento de gratidão também inscrito nas cartas; traçado por elas. Instâncias, as cartas, nas quais Gilberto Freyre alocara Franco de Andrade na esteira da intermediação junto ao editor no Rio de Janeiro. Função que, em meio aos desvelos do autor, cumprira-se nos trâmites da publicação iminente:

> Meu caro Rodrigo: [...] o que for decidido, de acordo com V. e Bandeira – está muito bem. Esse livro já me deu bastante trabalho e aborrecimento – e o meu papel agora é cuidar de outra vida, e entregar o livro aos seus verdadeiros donos – o editor e os possíveis curiosos que se dêem ao trabalho de comprá-lo e lê-lo. (*Carta*, 17 de junho de 1933)

Casa-Grande & Senzala, publicado em 1933, contou com passagens tortuosas durante à sua composição. As cartas de Gilberto Freyre ao amigo mineiro nos permite esta leitura. Datam dos anos de 1932, 1933, 1935 e três delas não apresentam datação, mas mantêm relação direta com o conteúdo e temporalidade das primeiras: a fase em que Freyre vendera livros e frutas; e reclamava dos serviços de datilografia a ele prestados; dos dias de módica alimentação. Mantenedoras de segredos. Mas, quando foram convenientes à constituição da trajetória [auto]biográfica exemplar os mesmos sigilos figuraram, a despeito da publicação de *Cartas do Próprio Punho...*, como revelações de consagração intelectual; e, sobretudo, pessoal.

Ângela de Castro Gomes lembra que os segredos reservados às cartas em muitos casos são invioláveis. Fator passível de recorrência porque "[...] elas podem ser cuidadosamente guardadas pelo destinatário, como um bem de valor afetivo incomensurável, como um 'objeto de memória.' (Gomes, 2005, p. 07) No caso de Gilberto Freyre este é um princípio válido. E completa a historiadora o raciocínio sobre as possibilidades de apropriação missivista; sobre os vínculos que os segredos partilhados impõem e velam:

> [...] não é incomum que, justamente pelas mesmas razões, elas sejam destruídas (até a pedido do remetente) ou sejam mantidas a distância de qualquer outro leitor, como se uma aproximação indevida pudesse implicar invasão de privacidade, não importando a distância decorrida entre o momento da escrita da carta e o da leitura efetuada. (Gomes, 2005, p. 07-08)

O valor da amizade, do lastro de suas trocas, carece de cumplicidade; exige lealdade. As cartas entre Gilberto Freyre e Rodrigo Melo Franco de Andrade dizem o

ISBN: 978-85-98711-10-2

que não é dito sobre homens públicos. Revelam fragilidades e incertezas de homens que foram blindados e banhados pelas letras hiperbólicas, eufêmicas e harmoniosas de seus biógrafos. As cartas dizem o que não conseguimos associar como imagens definidoras do autor de *Casa-Grande & Senzala* ou do diretor do SPHAN: como se fossem imagens de homens projetados para além de suas humanidades, de suas incertezas. As cartas, enfim, destituem as generalizações costumeiramente alastradas e impregnadas no encalço de determinados intelectuais. No caso de Gilberto Freyre, a intento, é comum o reducionismo sobre a sua pessoa e obra: "Ah, ele falou aquilo porque é aristocrata!"; "Ah, ele pensou assim porque é reacionário!". A minha proposta, portanto, é desvelar vieses que nos distanciam de uma leitura mais detida de seus escritos e digressões. A minha pertinência, na condição de pesquisador, é alargar o senso comum que a academia afirma repugnar e ao mesmo tempo funda e valida.

O ano, 1932. Escreve Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco de Andrade. O amigo modernista, esclarece ele, sem o peso dos "ismos". É correspondência sobre os aprestos do *Casa-Grande & Senzala*. "Rodrigo: estou há muito tempo sem notícias suas. Mas antes de qualquer coisa: vai nova porção do livro [...]." (*Carta*, 04 de novembro de 1932) Livro sinônimo do efeito de sedução que Darcy Ribeiro, ao escrever o prólogo à edição venezuelana do *Casa-Grande...*, identificava nas obras do escritor dos deleites do açúcar:

> [...] em torno dele se orquestra um culto que Gilberto preside contente e insaciável. Apesar de mais badalado que ninguém, é ele quem mais se badala. Abre seus livros com apreciações detalhadas sobre suas grandezas e notícias circunstanciadas de cada pasmo que provoca pelo mundo afora. (Ribeiro, 2001, p. 11)

Freyre, por certo, não esperava tamanha apropriação de seu *Casa-Grande...* que, nos princípios dos anos de 1930, marcava os passos de uma factura em meio às inconstâncias de seu autor. É o que mais adiante, nas passagens da mesma carta, identifico:

> [...] o portador é o meu primo e amigo de quem freqüentemente lhe tenho falado: Ulysses Pernambucano. Há um mês que estava essa maçaroca pronta, à espera de portador idôneo que agora surgiu, magnífico, na pessoa de Ulysses. Na casa dele é que tenho estado estes últimos meses como lhe terá dito Cícero. Ulysses leva-lhe também um grande e saudoso abraço meu [...]. Estou com outra porção do livro quase pronta para seguir. Alheando-me o mais

ISBN: 978-85-98711-10-2

> possível do desagradável ambiente brasileiro tendo trabalhado intensamente no livro – com exceção de certos dias que sempre me chegam, durante os quais é-me quase impossível fazer outra coisa senão procurar esquecer tudo – inclusive a mim próprio que sou às vezes uma companhiazinha bem desagradável e impertinente de mim mesmo. (*Carta*, 04 de novembro de 1932.)

Cumpre reiterar que em meio ao Gilberto Freyre biográfico e o [auto]biografado residem "regimes de historicidade" (Roche, 2007, p. 31) pertinentes ao entendimento de sua obra: livros, cartas, prefácios, introduções... . Cada um dos seus inventos carece de apreensão apurada dos sentidos que os fizeram existir. Sentidos que mudaram. Sentidos que para nós os pesquisadores são outros. Escritos de um intelectual que se fez ao passo que interagiu em sociedade e reelaborou seus anseios, conquistas e projeções com fins à posteridade. As cartas e os apontamentos de "auto-interpretação como realidade," (Pallares-Burke, 2005, p. 21) aparentemente fictícios ou não, trouxeram em si sentidos pertinentes: Gilberto Freyre sabia a que objetivos atendia. Por esta razão, não há um Gilberto Freyre mais verdadeiro nas cartas e menos verdadeiro nos livros que escrevera. Há Gilberto[s] Freyre[s]. Um todo que a crítica compartimenta; e que eu, como parte dela, acabo também por compartimentar. (Nietzsche, 2005, p. 115)

Sagrado e consagrado, inventor de si mesmo, Freyre soube constituir sua biografia. Seus devaneios [auto]biográficos. Soube fazer-se escritor/autor. Fez-se verdade nas ilusões de suas memórias e reelaborações narrativas: fosse no ensaio sociológico, fosse na escrita literária, fosse na escrita epistolar. É certo que as correspondências que trocou com os amigos dão à sua obra maior fôlego e projeção; mesmo que ainda sejam pouco conhecidas. São as cartas referências de interpretação e de aclaração das generalizações que o etiquetam e o etiquetaram. As cartas, enfim, permitem releituras mais profícuas de um escritor/autor mexido e remexido em demasia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Trad.: Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003. [Coleção Espírito Crítico]

ISBN: 978-85-98711-10-2

BAXANDALL, Michael. *O Olhar Renascente: Pintura e experiência social da Itália da Renascença*. Trad.: Maria Cecília Preto R. Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. (Oficina das Artes, 6)

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009. [Coleção Leituras Filosóficas]

FREYRE, Fernando de Mello. *Brasileiridade*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1992.

JOZEF, Bella. (Auto)Biografia: os territórios da memória e da história. In: *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 295-308. (Coleção Momento)

LEAL, César. A Imagem visual e outros temas na expressão literária de Gilberto Freyre. In: *Arrecifes*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Conselho Municipal de Cultura, nº especial, jun./2000, p. 06-22.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História.* Trad.: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC/Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2005. (Coleção Teologia e Ciências Humanas, 34)

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. *Moradas da Memória: uma história social da casa-museu de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008. (Coleção Museu, Memória e Cidadania, 6)

ROCHE, Daniel. *A Cultura das Aparências: uma história da indumentária (séculos XVII – XVIII)*. Trad.: Assef Kfouri. São Paulo: Senac, 2007.

WILLIS, Susan. *Cartas a Legba: um texto encontrado*. Trad. do prefácio: Maria Elisa Cevasco; Trad. das cartas: Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: Boitempo, 2008.